

O Trigo no Rio Grande do Sul

O AGRICULTOR E A VARIEDADE

DR. IWAR BECKMANN

Contractado pelo Governo Federal para o aperfeiçoamento do trigo.

Não se pode encarecer, demasiadamente, a importância de possuímos variedades adequadas ao nosso meio, para a victoria dos esforços, que neste momento estão se desenvolvendo em pròl da cultura do trigo entre nós.

Como expressão dessa verdade pode-se referir as meditadas palavras que ha meio anno proferiu em S. Borja o esclarecido agronomo, Juvenal José Pinto, quando saudou o presidente Getulio Vargas, na sua chegada ao R. G. do Sul. Disse elle: "Para solucionarmos o problema do trigo não é bastante que tenhamos solo e clima adequados. Precisamos possuir, e isto é de importancia capital, variedades adaptadas ás nossas condições. Se outra for a orientação seguida todo o esforço será vão, todo trabalho será inglorio".

Depois destas palavras terem sido pronunciadas teem varias pessoas e autoridades no assumpto adoptado opiniões identicas. Entretanto observa-se uma divergencia na interpretação dos requisitos que devem caracterizar uma variedade, para que ella seja capaz de servir de base para uma extensa cultura industrial do precioso cereal.

Esta divergencia reflecte, na realidade, os differentes pontos de vista sob os quaes o magno poblema do trigo está sendo encarado pelas differentes categorias de interessados. Basta salientar que o agricultor, moleiro e padeiro teem opiniões bem divergentes sobre os requisitos que devem caracterizar uma boa variedade. Assim

o Agricultor exige alta produção	} = boa qualidade de grão.
o Moleiro exige alto peso do hectolitro	
o Padeiro exige boa farinha	

Não cabe neste artigo considerar todos esses pontos de vista. Apenas queremos saber a opinião de quem deve ser mais autorizado a fallar neste momento, isto é, o nosso agricultor.

E' claro que é elle quem tem mais direito de fazer valer as suas

pretensões porque é delle que nós esperamos o milagre, e é a elle que confiamos a tarefa de intensificação da cultura do trigo. Sem elle pôr hombros á empreza estamos destinado a fracassar. Temos portanto a obrigação de prestar-lhe a devida attenção.

O agricultor reclama uma variedade bastante productora, allegando que a unica coisa que o vale de estimuio são resultados reaes. Só o patriotismo não basta para o estimular.

E com effeito, se o trigo não nos dá o sufficiente lucro devemos, então continuar a compral-o do estrangeiro. Mesmo os maiores economistas são dessa opinião.

Surge então a questão de saber se o trigo, de facto, produz bastante na terra gaucha; e esta pergunta gera outra, que primeiramente deve ser respondida, isto é, como devemos medir essa productibilidade? E' geral entre nós usar-se como medida a multiplicação da quantia semeada, isto é, indicar quantos saccos se colhe de um semeado.

No estrangeiro por outro lado computa-se apenas o rendimento do hectare sem considerar a quantia semeada. Sem discutir qual desses methodos é o melhor, podemos com poucas palavras evidenciar que, para formar juizo sobre o lucro liquido de um plantação de trigo, a producção por hectare é a mais acertada.

A causa disso é que o rendimento é sempre maior quanto mais ralo se planta. Assim plantando um sacco de trigo em meio hectare de terra poderá elle dar 10 saccos, mas sendo o mesmo sacco plantado na extensão de um hectare, colhe-se mais, por ex. 12 saccos. A multiplicação da semente plantada foi assim respectivamente 10 e 12 vezes, e o observador superficial julga o ultimo resultado como o mais favoravel, esquecendo por completo que a despesa de preparar a terra foi dupla no ultimo caso, emquanto que o rendimento apenas subiu de 20 %. No primeiro caso pôde o agricultor ter tido lucro, mas no segundo, prejuizo.

Porisso é que um sacco semeado poderá dar 20—30 saccos e mais na colheita, sem que isto indique lucro algum ao agricultor.

Sabendo-se por outro lado, o rendimento do hectare, temos logo possibilidade de avaliar o custo do trabalho que, descontado do valor da colheita, dá o lucro liquido tirado pelo agricultor. A variação da quantia semeada influe para este calculo relativamente pouco visto, em geral, esta despesa pouco variar, pelo menos nas grandes culturas.

Adoptando, por motivo do que acima foi exposto, a producção do hectare como medida mais acertada, pergunta-se: qual é a producção ne-

cessaria para o cultivo do trigo assegurar lucro convincente ao agricultor ? Para responder isso convem observar as condições nos países vizinhos.

Assim colhe-se no Uruguay e Argentina, em média, mais ou menos 700—800 kg. por hectare, e como este rendimento é um dos mais baixos do mundo, parece pode-se tirar a conclusão de que uma produção inferior não poderá sustentar entre nós uma cultura industrial de trigo florescente.

Aqui dá a estatística uma produção de 847 kilos por hectare, o que ao primeiro golpe de vista pôde parecer nos satisfactorio. Entretanto não devemos esquecer que a nossa actual produção se limita principalmente ás zonas florestaes, onde a terra é extremamente fértil, e onde um alto rendimento é necessario para recompensar o preparo muito dispendioso daquellas terras.

Este resultado portanto não pode ser directamente comparado com os do Uruguay e Argentina, onde se cultiva o trigo em campos faceis de preparar, e onde portanto um rendimento mais baixo pôde representar um lucro superior.

O que nós precisamos saber é a produção do trigo em nossos campos destinados á futura produção.

Infelizmente são escassos demais os dados dessa zona sulista para nos permittir conclusões exactas. Apenas de Pinheiro Machado (Granja Santa Martha) possuímos dados seguros. São estes entretanto tão estimuladores que hão attraído a attenção lisongeira, não só do meio nacional, como também do estrangeiro. Os melhores resultados de 1—2 toneladas por hectare foram ali obtidos da variedade *Artigas*, que em Pinheiro Machado parece ter encontrado um ambiente tão favoravel como no proprio Uruguay, onde ella ha annos, foi criada por cruzamento entre variedades proprias.

A meu ver resulta isto de uma intima affinidade entre as condições meteorológicas do Uruguay e de Pinheiro Machado, que por ser situado no extremo sul do Estado goza de um clima especial.

Outro lugar de onde possuímos também resultados certos sobre a produção de trigo é S. Luiz de Missões, onde a Est. Exp. de Trigo ha tres annos vem contribuido para resolver o problema do trigo.

Se bem que este lugar se ache fora da zona meridional, os resultados obtidos neste estabelecimento tem importancia especial para elucidação do assumpto. A razão é a casualidade de serem obtidos em S. Luiz, também os melhores resultados com o mesmo trigo *Artigas*.

Não quer isso dizer que o trigo *Artigas* seja uma optima variedade para a zona missionista, mas sim o melhor, que neste momento, poderá servir até surgirem as variedades em criação.

De facto, os resultados de S. Luiz não são tão favoráveis como os de Pinheiro Machado, mas a última produção de 800 kilos por hectare, como média, é um índice favorável.

Importante é também que a variedade *Artigas*, introduzida pela primeira vez, depois dos indispensáveis ensaios de adaptação, na zona de Missões, pela Est. Exp. de S. Luiz, tem sido distribuída aos agricultores durante dois annos, sem ter apparecido até hoje uma só queixa sobre o comportamento della. Visto a doentia propensão do publico de atacar qualquer ramo de actividade official torna-se esse facto significativo.

Pelo acima exposto vemos assim que a variedade *Artigas* vinga bem no clima temperado de Pinheiro Machado, bem como no clima mais quente de São Luiz. Demonstra ser portanto uma variedade altamente plastica.

Dentro das extensas planicies do Estado podemos, com razão, caracterizar, em relação aos factores mesologicos, Pinheiro Machado e S. Luiz como dois extremos, e a conclusão que assim se pôde tirar é que a mesma variedade *Artigas* também pôde servir nas regiões que ficam entre esses lugares. Pelos factos supracitados o agricultor está com suas exigencias, de uma variedade sufficientemente productora, preenchidas.

Vemos que a *Artigas* é a variedade que ha tempos procuramos para servir de base para uma vasta cultura industrial nas infindaveis zonas sulistas do Estado.

Para a região montanhosa o problema da variedade já ha annos tem sido estudado e provisoriamente resolvido.

Segundo me consta são estas linhas a primeira tentativa official indicando definitivamente uma variedade propria para as extensas zonas do sul que ha um seculo produzia o trigo em abundancia, e que mais uma vez hão de resolver o problema do trigo do Rio Grande do Sul.

São Luiz de Missões, Agosto de 1928.

IWAR BECKEMANN

Na cultura do café chegamos num ponto em que o que è preciso fomentar não é o *augmento de produção*, mas sim o *melhoramento da qualidade do nosso producto*.